

Médico escolhe quem morre no Souza Aguiar

■ Hospital, que tem a maior emergência da América Latina e atende 1.200 pessoas por dia, faz 84 anos em estado de calamidade

Alexandre Durão

GABRIELA GOULART

José Carlos Rodrigues, de 17 anos, vítima de traumatismo craniano após um acidente de carro em Angra dos Reis, foi transferido ontem de helicóptero para o Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro do Rio. O aparelho teve que pousar nos fundos do hospital, porque o elevador que dá acesso ao heliporto não está funcionando. Mas este não é o único problema enfrentado pelo hospital, que tem a maior emergência da América Latina — onde diariamente são realizados de 900 a 1.200 atendimentos — e completa 84 anos em estado de calamidade pública.

A falta de condições de trabalho, os baixos salários, a evasão de profissionais e a superlotação estão obrigando os médicos a realizarem diariamente uma verdadeira *roleta russa* entre os pacientes. “Estamos escolhendo quem vai morrer. Se eu tenho um anestesista e cinco cirurgias, quatro pessoas em estado grave vão ter que esperar pelo atendimento”, admitiu o chefe de equipe Miguel Ramos.

Superlotação — “A procura por atendimentos é muito maior do que o que podemos oferecer. Por exemplo, se chega um doente polifraturnado, vítima de uma colisão, ele tem prioridade sobre um caso de apendicite em evolução”, explicou Luís Sampaio, também chefe de equipe. Segundo ele, essa opção é uma responsabilidade que não caberia ao médico se o hospital fosse melhor assistido. “Gritamos por socorro e ninguém nos ajuda”, diz.

A falta de condições de trabalho, no entanto, não é a única batalha travada no Souza Aguiar. A situação salarial também é crítica: a média entre os médicos é de três salários mínimos. A consequência direta é o grande número de demissões em todas as especialidades. No setor de anestesia, por exemplo, apenas 20 dos 40 profissionais estão trabalhando atualmente.

Emergência — “Além da nossa, o Rio tem apenas dois hospitais de emergência funcionando: o Miguel Couto e o Salgado Filho. Isso faz com que pacientes de todo o estado sejam transferidos para cá”, explicou Sampaio. O setor de anestesia não é o único sem número suficiente de profissionais. As equipes de emergência do Souza Aguiar também lutam contra a falta de neurocirurgiões, clínicos gerais, ortopedistas, cardiologistas, enfermeiros, radiologistas, técnicos e até macários.

“Precisamos de, no mínimo, reposição de 100% nestas especialidades”, ressaltou Sampaio. Ontem, um dia de grande movimento na emergência, alguns pacientes eram carregados no colo por seus acompanhantes. A precariedade é visível. Dos dez elevadores, três ou quatro estão funcionando mal. Nos oito andares do Souza Aguiar, quatro têm vazamentos, contornados com 20 baldes.

Apenas duas das 12 salas de cirurgia estão funcionando. A dona de casa Márcia Jurema, 39 anos, espera há 21 dias para receber uma prótese no olho esquerdo. Moradora de Cabo Frio, ela foi atendida na emergência com

ferimento grave do globo ocular, em consequência de uma tijolada numa briga de gangues. “Tenho a prótese mas a sala de cirurgia está sempre ocupada, com emergência”, reclamou Márcia, que ficou cega.

No setor de Raios X a situação também é caótica: apenas duas das 12 salas funcionam. Mesmo assim, elas necessitam de obras, técnicos e manutenção do equipamento. O hospital não recebe reformas há 27 anos. Os 120 leitos da emergência não têm lençóis ou fronhas. Os travesseiros já são considerados objetos de luxo. O mobiliário está em péssimo estado: faltam camas, macas e até lâmpadas.

Sem vagas — Em dias de muito movimento, os atendimentos de emergência chegam a ser realizados no chão, sobre as pias e em mesas improvisadas. Mas a emergência não é o único setor em crise. Não há vagas para internação. “Recebo diariamente dezenas de ligações de pessoas que querem internar pacientes. Elas alegam que já percorreram 11 hospitais da rede e não conseguiram vaga. Mas não posso fazer nada”, justificou Sampaio.

A falta de medicamentos também obriga os médicos a partirem para a improvisação. “Regularmente faltam antibióticos, fios para sutura, esparadrapo, gaze e álcool iodado. Vamos substituindo na medida do possível”, contou. Para driblar o problema, os médicos recorrem a uma solução ilegal: as doações.



O helicóptero com José Carlos teve que pousar nos fundos do hospital

Diretor ameaça deixar o cargo

Se não houver uma solução satisfatória na reunião que será realizada hoje, às 11h, no Centro Administrativo São Sebastião, entre os médicos do Hospital Souza Aguiar (HSA) e o secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazolla, o hospital enfrentará um problema ainda mais grave: a falta de direção e de chefes de equipe. Cerca de 30 médicos em cargos de chefia já prepararam uma carta de demissão conjunta — que conta com a adesão do diretor do HSA, Paulo César Afonso Ferreira, — e ameaçam parar de trabalhar amanhã, caso suas reivindicações não sejam negociadas.

Eles exigem, além da melhoria das condições de trabalho, aumento do piso salarial de três para, pelo menos, cinco salários mínimos — o salário-base de um médico do município é hoje de R\$ 220. Mas nem todos os hospitais vão aderir às cartas de demissão. Segundo Paulo Pinheiro, diretor do Hospital Miguel Couto, esta não é a melhor saída. “A crise no sistema de saúde existe, mas há outras formas de se obter melhorias”, acredita Paulo.

O secretário-geral do sindicato, Jorge Darze, culpou o prefeito César Maia. “Ele não cumpriu nada do que prometeu desde a última greve, há quatro meses”, denunciou Darze. No dia 26 de outubro, os profissionais de saúde da rede pública realizaram uma assembléia geral, no HSA.